

O novo jeito de tratar o lixo

Até há bem pouco tempo falar em lixo poderia parecer uma atitude de mau gosto. Era, porque a indústria do lixo mostrou que o aproveitamento adequado do que se joga fora pode se transformar em muitos cifrões, uma atividade rentável que já começa a atrair investimentos e apresentar lucros. O Serviço de Limpeza Urbana — SLU — saiu na frente e já começa a colher os frutos. As duas usinas de tratamento de lixo existentes na cidade, no final da Asa Sul e no Setor P Sul de Ceilândia, já têm capacidade para processar 80% de todo o lixo recolhido no Distrito Federal, que gira em torno de 1.200 toneladas/dia.

De todo esse material recolhido, até 8% é reciclado dentro das usinas. Materiais como papel, papelão e lata são encaminhados às indústrias para serem reaproveitados. 56% da matéria orgânica recolhida são transformados em composto orgânico, ou seja, adubo que é vendido através de licitação pública. “Empresas de todo o País têm participado destas licitações e nossa produção está atendendo à demanda de grande parte dos produtores rurais da área do Entorno”, diz o presidente do SLU, Luís Antônio Flores. A empresa ainda não conseguiu contabilizar os lucros financeiros representados por essas atividades, mas o lucro social e ambiental já é uma realidade.

Para se produzir uma tonelada de papel são derrubadas de 20 a 30 árvores adultas. Como 40% do lixo recolhido em Brasília é de papel, a sua reciclagem representa uma grande contribuição para a preservação ambiental. Somente nos três primeiros anos em que o SLU realizou um programa com o Buriti e anexo para a coleta de papel, foram computadas 80 toneladas do produto, o que representa a expressiva soma de cerca de 1.600 árvores poupadas. Mas esse é apenas um trabalho inicial que deve ser estimulado com o projeto *Faça o Seu Papel*, que estendeu esse tipo de coleta a outros órgãos da administração local como ao Departamento de Estradas e Rodagem — DER — e ao próprio SLU.

Neste contexto, a coleta seletiva aparece com uma forma de otimizar e racionalizar o recolhimento do lixo. Um projeto piloto foi implantado pelo SLU na cidade-satélite de Brazlândia e já apresenta resultados alentadores. Esse tipo de coleta, segundo Luís Flores, apresenta múltiplas vantagens. Primeiro, permite um melhor aprovei-



O SLU diz que Brasília desenvolve um belo trabalho de reciclagem

tamento do lixo recolhido, e segundo facilita o trabalho dos funcionários do órgão que tem seu trabalho simplificado, principalmente na hora de separar o lixo, que chega até as usinas de tratamento. Só para se ter uma idéia, enquanto na Europa os caminhões de coleta levam somente um gari para recolher o lixo, no Brasil esse número é de quatro.

Com uma frota de 107 caminhões coletores e mais 20 sendo reformados, o SLU começa a dar os primeiros passos para se associar à iniciativa privada neste trabalho. vinte dois caminhões de empresas particulares estão alugados pelo SLU para realizar a coleta do lixo. Cerca de 200 mil garis fazem parte dos quadros da empresa, dividindo-se entre os trabalhos de coleta, varrição e operação. “Esses números estão dentro da média nacional e o nosso atendimento à população é considerado de bom nível”, diz o diretor da empresa. Mas Luís Flores reconhece que esse tipo de serviço ainda está longe do ideal, até por uma questão de formação cultural.

Segundo dados do próprio SLU, a falta de consciência da população pode ser traduzida em número. Dez caminhões de lixo são recolhidos diariamente somente com papéis que são atirados no chão, sobre a grama e coletados por catadores. Isso representa 60

metros cúbicos de lixo por dia ou 20 toneladas. Luís Flores diz que a mudança desta mentalidade é uma coisa que leva muito tempo, que demanda todo um trabalho de educação que deve ser iniciado pelas escolas. Esse é um trabalho ainda incipiente dentro da empresa e que faz parte de uma programação mais ampla que vem sendo desenvolvida pela Secretaria de Meio Ambiente — Sematec — órgão normativo do SLU.

Apesar de novidades como coleta seletiva, que já é praticada em grande escala em países do primeiro mundo, a indústria do lixo ainda é incipiente no Distrito Federal. Para agilizar esse processo, a direção do SLU está programando dinamizar as licitações de material reciclado já a partir do segundo semestre para dar maior dinamismo à produção de adubo e aproveitamento de materiais recicláveis. Luís Flores reconhece que otimização deste serviço passa, também, pela reforma da usina de tratamento da Asa Sul. Ela foi a primeira usina de todo o País e também da América do Sul e precisa ser, pelo menos, reformada para que esse objetivo seja atingido.

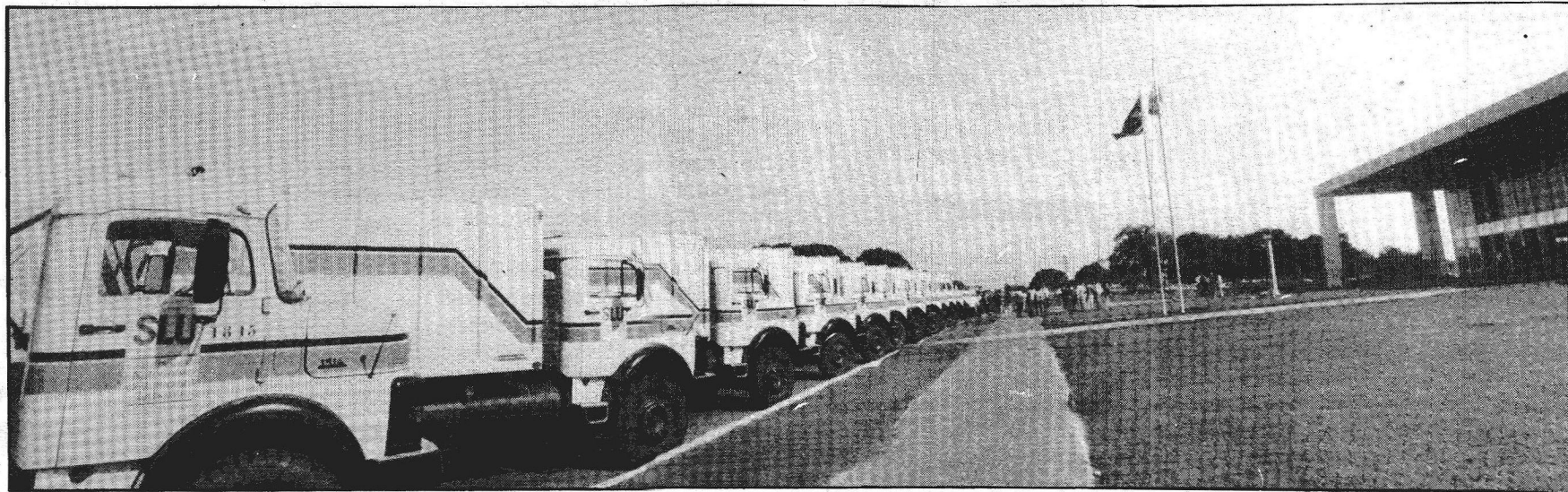
“O nosso grande problema é dinheiro”, relata Luís Flores. A crise econômica pegou toda a administração pública de calças curtas e os investimentos têm sido feitos na medida do

possível e não das reais necessidades. Mais uma vez a entrada em vigor no novo plano econômico aparece como uma possibilidade de retomada de investimentos. Evidentemente na condição de quidê certo. Uma das idéias lançadas pelo diretor do SLU para melhorar a coleta de lixo no Distrito Federal é a criação de uma taxa de lixo, a exemplo do que é feito com água e energia elétrica. Em tempos de crise, Luís Flores tem consciência da impopularidade de tal idéia e reconhece existir pouca possibilidade dela ser implementada. Mas, para o futuro, fica lançada a semente.

Esses recursos, segundo o diretor-geral do SLU, seriam para cobrir despesas do órgão, assegurar a manutenção dos veículos e investir em novas tecnologias de tratamento de lixo. Até para uma melhor programação da coleta. Segundo Luís Flores, em São Paulo a coleta é feita em dias alternados e de materiais diferentes. Três dias por semana é recolhido o lixo sólido e nos outros dois o chamado lixo molhado, que é transformado em material orgânico. Essa, segundo ele, é apenas uma das medidas que podem representar uma racionalização nos custos do trabalho.

O ideal, na avaliação do diretor do SLU, é que o tratamento do lixo doméstico seja iniciado dentro das próprias residências, o que já acontece em países do primeiro mundo. A população brasileira de uma forma geral ainda tem pouco conhecimento do aproveitamento que pode ser feito do lixo, que ele pode se converter em uma atividade lucrativa e se transformar numa alternativa para a geração de empregos. Somente com a coleta seletiva, por exemplo, já houve a criação de novos empregos. Em Brazlândia, onde ela começou a ser realizada, os antigos catadores que ficavam no aterro estão agora trabalhando na compostagem, tornaram-se assalariados e têm uma renda fixa mensal.

O SLU reconhece que Brasília tem grande potencial a ser desenvolvido nesta área de reciclagem de lixo. “O lixo de Brasília é muito rico porque a maior parte do que é consumido aqui vem de fora e é transportado em embalagens que podem ser reaproveitadas”, avalia Luís Flores. Como sede da administração federal, Brasília possui uma característica peculiar: o que se joga de papel nas lixeiras é um verdadeiro desperdício.



A certeza do bom trabalho de limpeza e tratamento do lixo na capital vem da qualidade e eficiência da frota do SLU